MORTES APAGADAS E O DESEJO DE PRESENÇA: INVESTIGAÇÕES NAS RELAÇÕES ENTRE VIVOS E MORTOS DESAPARECIDOS POLÍTICOS IDENTIFICADOS NA VALA DE PERUS

Vinicius Wotrovski (PIBIC/CNPq/FA/UEM), David Antônio de Castro-Netto (Orientador), Adriana Barin de Azevedo (Coorientadora). E-mail: dacnetto2@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Maringá, PR.

Psicologia /Psicologia Social

Palavras-chave: Ditadura militar; Desaparecimento; Luto.

RESUMO

A presente pesquisa configura-se como uma análise qualitativa de caráter exploratório e de cunho interdisciplinar que utiliza da relação entre a psicologia e a história para analisar o fenômeno das relações entre vivos e desaparecidos políticos da ditadura militar brasileira (1964 – 1985) identificados na Vala Clandestina de Perus. Dessa forma, o desaparecimento político é compreendido enquanto parte de uma estrutura de dispositivos desaparecedores construídos durante o período da ditadura militar. A partir do estudo dos casos de reaparecimento encontrados na vala de Perus, de materiais jornalísticos e dos bancos de dados oficiais produzidos pelas Comissões da Verdade, foram reconstruídas biografias de 6 militantes políticos. Posteriormente, as narrativas dos desaparecidos políticos foram analisadas a partir do entrelace teórico entre compreensões interdisciplinares sobre a dimensão política do desaparecimento, envolvendo referenciais de estudo necropolítico e tanatopolítico, em debate com duas compreensões psicológicas e metodológicas sobre a compreensão da relação com a morte, o trabalho de luto freudiano e a perspectiva metodológica de Vincianne Despret. Dessa forma, as relações construídas entre os desaparecidos políticos e seus familiares acontecem em meio ao intercruzamento entre duas diferentes narrações de sua morte, uma narrativa militar deturpada de criminalização e uma narrativa revolucionária de exaltação. Essas narrativas conflitantes, aqui, são encaradas enquanto um processo de afastamento dessas relações. Assim, o desaparecimento não promove apenas interditos na memória daqueles que ficam ou gestam os afetos resultantes dos processos dessa violência política, mas se concretiza em processos de separação entre vivos e mortos que se mantém mesmo após o reaparecimento.

INTRODUÇÃO

Freud (2010) estrutura o luto como um processo de deslocamento libidinal de um objeto psíquico frente a uma perda significativa acompanhada de um intenso grau de sofrimento. Assim, o luto seria uma reação a perda de uma pessoa querida ou ideal psíquico que, frente a repetida insistência da realidade em atestar sua inexistência, tem seu objeto descarregado de maneira gradual e dolorosa. Vincianne Despret (2021) promove uma inversão epistemológica ao colocar os mortos como elemento central nas relações entre vivos e mortos. Para a autora, o processo de pesquisar sobre essas relações não se resume a explicar os movimentos psíquicos do luto, mas observar como se constituem esses mortos e essas relações ao observar as peculiaridades das vivências com a morte em diferentes sociedades. Esses mortos, então, continuam exigindo e sendo presentes para aqueles que ainda se relacionam através de dispositivos como sonhos, mensagens e enigmas (Despret, 2023).

Ademais, o desaparecimento político se caracteriza, para Franco (2018) como uma estrutura de dispositivos de violência organizados com o objetivo de apagar a vida e a morte dos sujeitos, regendo suas mortes e a melancolia de quem sobrevive aos processos de violência, permitindo ao Estado expressar seu poder não apenas sobre a morte e o morrer, mas também aos vivos e aos mortos. A vala de Perus se configura como uma dessas expressões cujo resultado é encobrir 1049 ossadas ensacadas para dificultar sua identificação e rastreamento (Franco, 2018).

Esta pesquisa, portanto, pretendeu estudar de maneira qualitativa, exploratória e documental as relações que se constituíram com os 6 militantes desaparecidos políticos identificados na Vala de Perus, compreendendo as particularidades durante e após seu desaparecimento e seu reaparecimento. Tal investigação, assim, acompanha um debate entre as duas compreensões de relação com a morte supracitadas além de um debate sobre a compreensão do desaparecimento enquanto estrutura política e como se dá a subjetivação desses vivos e desses mortos dentro dessa estrutura. Assim, se possibilita a análise das relações desses entes queridos de maneira multifacetada, promovendo novas formas teoricamente de se encontrar e se relacionar com essas histórias.

REVISÃO DE LITERATURA

Para compreensão dos efeitos do encobrimento e descobrimento da Vala de Perus, bem como do desaparecimento político utilizou-se especialmente a pesquisa desenvolvida por Fábio Franco (2018) e algumas das referências apontadas pelo autor. Para compreensão dos casos de desaparecimento estudados foram utilizados o volume 3 do relatório final da Comissão Nacional da Verdade (Brasil, 2014), os bancos de dados oficiais da comissão estadual da verdade Rubens Paiva referentes a cada desaparecido estudado (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2015.) além de materiais jornalísticos necessários para compreensão integral dos casos escolhidos com base em suas palavras chaves no portal G1 (Globo comunicações e participações). Para análise e discussão da relação com a morte nos casos de desaparecimento foram colocados em debate as compreensões

psicanalíticas tradicionais de trabalho de luto, presentes em Freud (2010) e as compreensões metodológicas e epistemológicas de Vincianne Despret (2021; 2023), além de leituras complementares para o debate envolvendo os referenciais da autora em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatórios da Comissão Nacional da Verdade e da Comissão Estadual da Verdade Rubens Paiva, organizam as informações referentes as histórias de vida, de morte e de desaparecimento desses militantes. Em meio a essas biografias é perceptível a disputa de estabilizar as narrativas individuais desses desaparecidos. Os dispositivos do desaparecimento organizam narrativas subversivas de terrorismo, sequestro e assassinatos através de notícias, reportagens, aparecimentos em julgamentos e pronunciamentos que justifiquem, em alguma medida, prisão, tortura e morte desses desaparecidos. As comissões, por outro lado, trabalham para desconstruir essas histórias e instauram novas narrativas de resistência a opressão.
Em meio a isso, as relações com os desaparecidos se dão em meio a essa disputa, ao passo que essas diferentes narrativas não contemplam a totalidade existencial desses indivíduos. Ambas as narrativas excluem fatores de sua história que vão além da repetição de suas mortes pela ditadura, gostos íntimos, desejos latentes.
Em Luto e Melancolia (Freud, 2010), o luto é pensado enquanto um processo marcado pelo reconhecimento consciente da inexistência e aceitação da ruptura entre vivos e mortos. A questão central é pensar epistemologicamente qual local o morto ocupa nesta visão e quais afetos são autorizados e desautorizados a partir disso. Pensar com Despret (2021;2023), por outro lado, leva a questionar a inexistência do morto ao evidenciar sua continuidade, não apenas a partir dos vivos, mas das relações que estão sendo construídas entre eles. Ou seja, não se trata de utilizar o pensamento de Despret (2021) para subjulgar as construções técnico-teóricas do trabalho de luto, mas analisar a continuidade para além de reduzi-la ao fenômeno intrapsíquico do luto, propondo a construção de novos espaços de diálogo. O contraste entre os autores permite uma pluralidade de novas perguntas que não se encontram na explicação do sofrimento dos vivos, mas na continuidade.
Além disso, os desaparecidos existem em um estado de indeterminação jurídico política que até o seu reaparecimento força suas relações a serem vivenciadas em meio a incerteza de sua vida e morte, gerando um estado relacional que resulta na afirmação ou negação total das narrativas que estão se construindo a sua volta.

CONCLUSÕES

Embora a relação com desaparecidos políticos pós reaparecimento se transforme e seja cultivada através de elementos antes inacessíveis pelo desaparecimento, a continuidade das relações ainda é comprometida pelas outras narrativas e estatutos de existência gerados pelo reaparecimento. Assim, é necessário repensar como pode-se acessar essas e outras figuras políticas sem reduzir sua relação a apenas

um herói público ou apenas a uma vítima de um reaparecimento ou apenas a uma expressão de sofrimento ou justiça social encontrado apenas nos vivos, mas como um ente querido que desejava e ainda deseja estar presente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos orientadores por todo conhecimento compartilhado. Ademais, agradeço ao CNPq e à Fundação Araucária pelo financiamento e oportunidade de pesquisar.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Mortos e desaparecidos**. 2015. Disponível em: https://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/mortos-desaparecidos. Acesso em: 17 ago. 2026.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório Final. Brasília: Comissão Nacional da Verdade, 2014. 3 v.

DESPRET, Vinciane. **Pesquisar junto aos mortos**. Campos, v.22, n.1, pp.289-307. Jan-Jun 2021.

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos**: histórias daqueles que ficam. São Paulo: n-1. 2023.

FRANCO, Fábio Luís Ferreira Nóbrega. **Da biopolítica à necrogovernamentalidade**: um estudo sobre os dispositivos de desaparecimento no Brasil. 2018. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, 2018.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 12: **Introdução ao narcisismo:** ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.